

ECONOMIA

Continente entra no negócio dos cabazes de legumes

Distribuição
Ana Rute Silva

Pela primeira vez, uma cadeia de distribuição entra neste mercado, hoje dominado por pequenos produtores e associações

Os pequenos produtores de fruta e legumes que há muito encontraram um nicho de negócio com a entrega semanal de cabazes com preço fixo ganharam um concorrente de peso. O Continente, do grupo Sonae (dono do PÚBLICO), está a fazer entregas semanais de frutas e legumes produzidos por agricultores locais. É a primeira vez que uma grande cadeia de distribuição entra neste mercado, disputando, assim, os clientes de pequenos produtores e associações locais.

O negócio dos cabazes disseminou-se nos últimos anos, acompanhando a tendência de “comer local” e sem recurso a intermediários. Entregando directamente ao consumidor, os agricultores conseguem escoar produção e garantir margem de lucro. Um dos projectos de maior projecção nacional é o Prove, que envolve 19 associações de desenvolvimento local, 132 produtores e já chega a sete mil consumidores. A intenção é ajudar ao escoamento de produtos e aproximar quem produz de quem consome.

No rol de produtos que não são vendidos para os supermercados estão todos os que não obedecem às normas e padrões que categorizam

os alimentos, definidas pela União Europeia. Um dos projectos que têm feito caminho nesta área é o da cooperativa Fruta Feia, que já tem sete delegações nacionais e trabalha com 110 produtores. As suas caixas de frutas e legumes chegam a 2879 clientes. O sucesso dos cabazes também é explicado pelo apetite crescente pelo modo de produção biológica, por isso, são muitas as pequenas empresas deste tipo de agricultura que usam o sistema de cabazes como forma de distribuição.

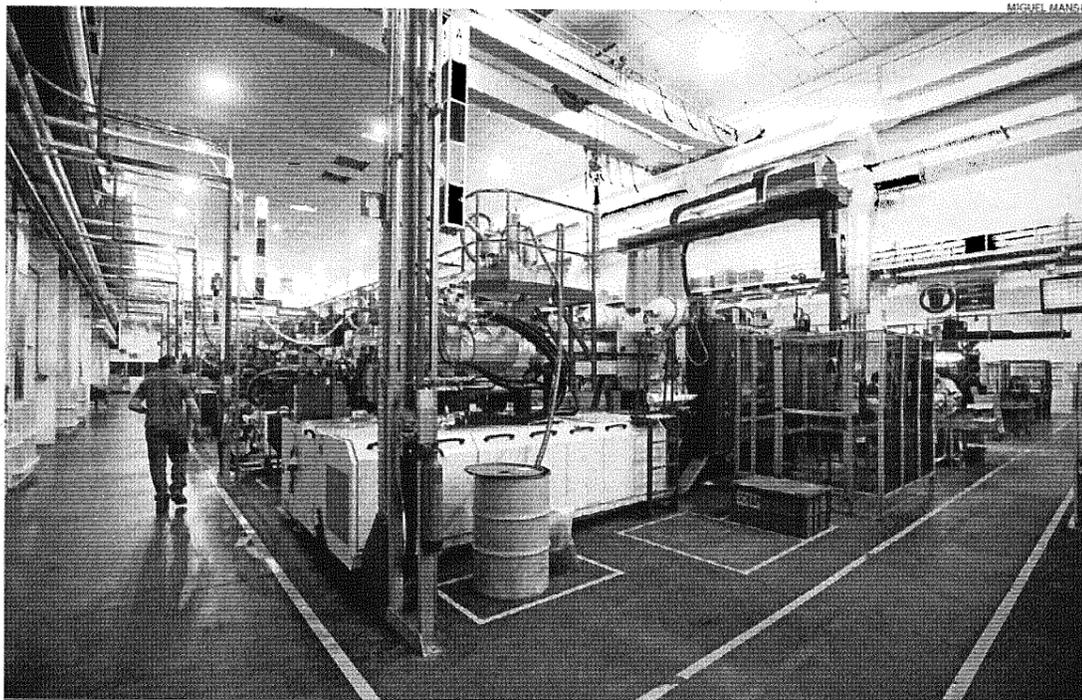
A entrada do Continente – que promete vender cabazes “directamente do nosso campo” – pode “abandar” este negócio, assente na relação directa entre agricultores, associações e consumidores. Com uma economia de escala de grande dimensão, a cadeia de distribuição da Sonae cobra 10,50 euros (14 euros, sem promoção) por um cabaz de cinco quilos de frutas e legumes, a que se junta um custo de entrega de 3,9 euros. O Prove cobra dez euros e o cliente levanta os produtos num local de recolha específico.

O projecto “cabazes de frescos” está, por enquanto, restrito a Lisboa e inclui também cestas semanais de carne e de marisco. De acordo com a informação que a empresa disponibiliza no site, no caso da carne e marisco, os cabazes são predefinidos. Já nas frutas e legumes, há artigos fixos e outros que variam consoante a época ou por serem de “produção limitada”. Os produtores já fornecem habitualmente a cadeia de hipermercados e supermercados.

ana.silva@publico.pt



Produtos dos cabazes são de fornecedores habituais das lojas



Haverá incentivos a quem adopte tecnologias que permitam mudanças disruptivas

Governo apresenta estratégia para enfrentar quarta revolução industrial

Fundos comunitários
Sérgio Aníbal

Conjunto de 60 medidas inclui a mobilização de verbas da UE e formação para trabalhadores, gestores e empresários

Garantir que os empresários e gestores das empresas estão preparados para enfrentar um mundo em que só indústrias “inteligentes”, totalmente adaptadas ao mundo digital, conseguem ser competitivas é um dos objectivos incluídos na estratégia “Indústria 4.0” que o Governo irá apresentar esta segunda-feira.

O termo “Indústria 4.0” começou a ser usado pelo Governo alemão quando, em 2012, lançou um plano de modernização industrial com essa designação. A lógica é a de que, depois de uma primeira revolução industrial que resultou do aparecimento das máquinas a vapor, de uma segunda que ocorreu com o uso da electricidade e a produção em cadeia e em massa e de uma terceira que aconteceu assim que se automatizou a produção através do uso de computadores, podemos estar agora perante uma quarta revolução industrial,

em que, para além da automatização, se assiste a uma total e permanente ligação das máquinas com outras máquinas e com as pessoas.

De acordo com o Ministério da Economia, a estratégia abrange vários sectores, incluindo o comércio e o turismo, onde o impacto da utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) tem sido significativo. O objectivo é “preparar as empresas portuguesas para a Indústria 4.0” e o programa consiste na aplicação de 60 medidas que foram debatidas pelo Governo “com mais de 200 entidades e empresas em grupos de trabalho para diferentes sectores, como o retalho, o turismo, o automóvel, os moldes ou a agro-indústria”.

As estimativas feitas pelo Governo para o impacto das medidas são ambiciosas. Prevê-se que “mais de 50 mil empresas” a operar em Portugal sejam envolvidas e que “até 4,5 mil milhões de euros” de investimento seja injectado na economia. Um investimento desta magnitude, a concretizar-se, corresponde a 4,3% do total do investimento realizado em Portugal durante os quatro anos decorridos entre 2012 e 2015.

Do investimento previsto, 2,26 mil milhões são garantidos por via de Fundos Europeus Estruturais e

de Investimento, através do Portugal 2020, para a consciencialização, adopção e massificação de tecnologias associadas ao conceito de “Indústria 4.0”, nos próximos quatro anos.

Uma das medidas chama-se “Ações de formação para empresários”. A ideia é que, para as empresas estarem preparadas para as mudanças, é preciso que os seus trabalhadores tenham as competências técnicas necessárias, nomeadamente ao nível dos seus quadros técnicos e de gestão, para além dos próprios empresários. A qualificação dos empresários e gestores portugueses é um alvo habitual das críticas feitas pelo Fundo Monetário Internacional nas avaliações que faz ao país, defendendo os seus técnicos que se deve “rever a eficácia e amplitude dos programas para promover as competências de gestão em Portugal”.

Outras medidas incluem a entrega de um vale no valor de 7500 euros a PME para que adoptem tecnologias que permitam mudanças disruptivas nos seus modelos de negócio, a formação de 20 mil pessoas em TIC, a realização de viagens ao estrangeiro e planos específicos para sectores.

sergio.anibal@publico.pt